

017

O ROMANCE GÓTICO E A CRÍTICA AO PATRIARCADO NO FINAL DO SÉCULO XIX: A RAINHA DO IGNOTO, DE EMÍLIA FREITAS. Anselmo Peres Alós, Rita Terezinha Schmidt (Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas - Instituto de Letras - UFRGS).

O romance gótico (vertente narrativa do Romantismo europeu) foi considerado durante muito tempo pela crítica como um estilo narrativo menor. Recentemente, entretanto, diversas obras góticas, tais como o *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley, ou *Villete* (1853), de Charlotte Brönte, começam a receber a devida atenção da crítica. A própria construção do enredo e das estratégias narrativas góticas vem sendo intensamente estudadas, tal como revela o trabalho de Eve Kosofsky Sedgwick (*The coherence of gothic conventions*, de 1980) e Anne Williams (*Art of darkness: a poetics of gothic*, de 1995). No Brasil, o romance gótico praticamente não foi desenvolvido, visto que a escola romântica brasileira estava muito mais preocupada em edificar uma identidade nacional homogênea, não abrindo espaço para um estilo considerado “literatura menor”. *A Rainha do Ignoto* (1899), da escritora cearense Emília Freitas, é um romance não-canônico, que aposta no modelo gótico, justapondo a esse alguns elementos do romance de tese (cabe citar o subtítulo da obra de Emília Freitas: *romance psicológico*). Tal estudo mostra-se relevante por mostrar uma escritora a praticar o estilo gótico, praticamente sem representantes na literatura brasileira canônica do século XIX. Talvez Álvares de Azevedo, com seu livro de contos *Noite na Taverna* e o seu drama *Macário* (ambos de 1855), seja o autor que mais próximo chegou da vertente praticada por Emília Freitas, ainda que a proximidade de Azevedo em relação ao romance gótico se dê muito mais pela temática de seus contos do que pelos recursos narrativos. Assim, mesclando estratégias narrativas do romance naturalista (ou de tese) e convenções típicas do romance gótico, Emília Freitas constrói uma narrativa onde a hegemonia branca, masculina e aristocrática é questionada tanto no plano diegético quanto no plano formal, visto que o hibridismo de gêneros romanescos é desenvolvido majestosamente como alternativa para fugir aos padrões real-naturalistas que imperavam na produção literária da época (CNPq-PIBIC/UFRGS).